

A construção da identidade em *Sortes de Villamor*, de Nilma Lacerda

CECILIA BARCHI DOMINGUES*

ELIANE APARECIDA GALVÃO RIBEIRO FERREIRA**

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), apresentar uma análise da obra *Sortes de Villamor* (2010), de Nilma Lacerda, na qual se consideram a temática da construção da identidade e as disposições do leitor implícito. Justifica-se a escolha da obra, pois, com sua inclusão nos acervos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), acredita-se que a maioria das escolas públicas a disponibilizam em suas Salas de Leitura e/ou bibliotecas. Constrói-se, neste texto, a hipótese de que sua temática associada à afirmação ideológica de seus protagonistas é atraente para o jovem leitor, também em fase de definição de sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Recepção; Literatura juvenil; Nilma Lacerda; Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE).

ABSTRACT: The paper aims to present an analysis of *Sortes de Villamor* (2010) by Nilma Lacerda through the theoretical assumptions of Reception Theory (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), considering the theme of identity construction and the provisions of the implicit reader. This is justified once the book is part of the Programa Nacional Biblioteca na Escola (National Program of School Library - PNBE). It is believed that most public schools have it in their Salas de Leitura (Reading Rooms) and / or libraries. The hypothesis constructed in this text is that the theme of *Sortes de Villamor*, associated with the ideological affirmation of its protagonists, is attractive for the young readers who are also in the phase of defining their identity.

KEYWORDS: Aesthetic of Reception; National Program of School Library (PNBE); Nilma Lacerda; YA literature.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Assis – 19806-900 – Assis – SP – Brasil. E-mail: ceciliabarchidomingues@gmail.com

** Departamento de Linguística – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Assis – 19806-900 – Assis – SP – Brasil. E-mail: elianegalvao13@gmail.com

Introdução

Um dos objetivos norteadores da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) de Língua Portuguesa é garantir que os alunos tenham acesso à cultura e adquiram saberes que lhes permitam ampliar sua visão de mundo e questionar o meio em que vivem para promover seu próprio desenvolvimento. Entretanto, muito se questiona sobre a efetividade desses objetivos, visto que, em nosso país, há poucos leitores. Na quarta edição da *Retratos da Leitura no Brasil*, o Instituto Pró Livro divulgou que não chegamos a um livro lido espontaneamente por um período de três meses:

O desafio é conseguir despertar para a leitura uma geração quase entorpecida pela comunicação em meio digital. Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento. Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê (INSTITUTO PRÓ LIVRO, 2016, s/p.).

A literatura, na maioria das vezes, está associada, pelo jovem, a livros velhos e empoeirados; muitos acreditam que a leitura é necessária apenas para auxiliar na alfabetização. O sujeito precisa do lúdico, do fantástico, da literatura para atuar de forma efetiva e crítica na sociedade.

Entende-se, neste texto, que a função da mediação de leituras é a formação do leitor crítico. Esse sujeito é aquele que domina a leitura e a linguagem escrita, desenvolvendo pensamento crítico em relação ao mundo. Assim, os conhecimentos adquiridos no transcorrer da leitura passam a fazer parte de sua personalidade e, conseqüentemente, de seu modo de agir no meio social (COELHO apud GREGORIN, 2011, p. 66–68). É preocupante que o aluno não entenda os benefícios do hábito de leitura, mas é lamentável notar que, na BNCC (2017), o Ensino Fundamental não está contemplado com o estudo da literatura como um de seus objetivos em Língua Portuguesa.

Atualmente, muitas escolas associam a literatura às listas de livros para vestibulares e não para a formação do aluno. Dessa forma, as obras clássicas só ganham visibilidade no Ensino Médio. Devemos questionar a própria estrutura da BNCC (2017), quanto à omissão no Ensino Fundamental, uma vez que são jovens em processo de formação da personalidade.

Resgatar a importância da cultura é uma das necessidades para garantir a eficiência em uma formação leitora. Ler representa tomada de posicionamento crítico, apropriação de conhecimento do que está a sua volta e de bagagem para argumentar e não ficar reproduzindo discurso sem argumentos que se sustentem.

A obra *Sortes de Villamor*, de Nilma Lacerda (2010), foi eleita, porque acreditamos que o enredo, embora retrate o Rio de Janeiro do século XIX, revela-se atual e, pela leitura, exerce função social, tendo em vista que problematiza questões contemporâneas como: o papel da mulher na luta contra a opressão social, política, econômica e religiosa; a liberdade de expressão entre os jovens, bem como o livre arbítrio. Apesar dessas qualidades, vale refletir se a trama, pelo seu discurso, possui potencialidades ou não para promover o papel

humanizador da literatura (CANDIDO, 1995). Refletimos ainda se, pelo contato com a história, o jovem pode romper com seus conceitos prévios sobre destino pré-determinado e relações desiguais em sociedade.

Nilma Lacerda nasceu em 1965, no Rio de Janeiro, onde atualmente vive. Começa a escrever literatura na oficina literária que o escritor Cyro dos Anjos ministrou nos cursos de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua tese de doutorado, orientada por Silviano Santiago, e, ainda inédita, compreendeu um romance e o diário de sua construção. As publicações literárias têm início em 1985, com o romance *Manual de tapeçaria*, que, na visão de Antônio Houaiss, é “uma grande obra de arte” (apud NILMA LACERDA, 2017), e, para Ênio Silveira, identifica a revelação de uma “grande escritora” (apud NILMA LACERDA, 2017).

Análise da obra

A obra *Sortes de Villamor* (2010), de Nilma Lacerda, está dividida em seis capítulos, ou livros (como chama a autora). O narrador personagem é Caim de Node, filho de escravos, criado por Ismê Captureba. Inicialmente, consideramos Caim como personagem principal, mas, conforme a narrativa desdobra-se, observamos que o menino conta a história de duas mulheres que marcaram sua vida: a francesa Blanche de Villemaur e Ismê Captureba:

A presença de Ismê com sua sabedoria, sua bondade e seu vigor se impunha entre nós. [...] a história de Branca se contou misturada a outras histórias, à minha própria história. [...] O fato é que a francesa me fez deparar com a vida de uma forma que eu não pensava (LACERDA, 2010, p. 129-135).

O romance é narrado em primeira pessoa, pois o narrador participa do enredo. Não possui estrutura de diário, mas funciona bem como um. No final, o narrador confessa que seu texto resulta de anotações sobre a vida de quem morou na casa de Ismê, assinou como autor e entregou para que Blanca publicasse:

Nesses dias mais em que fico aqui, releio meus papéis, faço revisão necessária. Acabei de ler o livro que ganhei, aprendi em arte o que me faltava para fazer da história de Branca um romance como o que li. [...] Peguei o manuscrito, totalmente revisto, dobrei uma folha de papel para a capa. Escrevi o título “Sortes de Villamor”, escrevi meu nome de autor: Caim de Node. [...] [Estas páginas] são um pouco da nossa vida e de todos nós, que vivemos nessa casa. Um dia, quem sabe?, talvez possa publicá-las (LACERDA, 2010, p. 135).

Blanche de Villemaur, vulgo Branca, filha de marqueses, junto de seus pais, fugia da Revolução Francesa quando o navio em que estavam naufragou próximo ao Brasil. Os marqueses morreram, mas a menina foi encontrada na praia com vida e, em seguida, acolhida por Ismê Captureba. Essa mulher, praticante de calundu, negra alforriada, acolhia menores abandonados na rua e tentava mudar seus destinos, retirando-os da

marginalidade. Para tanto, educava-os para serem honestos e, quando adultos, integrarem-se ao mercado de trabalho, como indivíduos assalariados.

Branca não falava português e, todas as noites, acordava as pessoas da casa com gritos provocados por pesadelos:

[...] Branca grita tanto, faz esse escarcéu dos diabos, e como é que nossa mãe não aplica um corretivo nela para controlar esses destemperos. O susto de toda a casa foi enorme na primeira vez que aconteceu de ela gritar no meio da noite. Todo mundo esfregava o olho, de cara assustada, tentando entender o que acontecia (LACERDA, 2010, p. 14).

Com o passar do tempo, a menina foi se acostumando com a rotina de Salvador, com as práticas de Ismê e a perseguição da elite. Essa mulher acreditava que a menina tinha potencial para as práticas de calundu, mas Branca se recusava a participar, dizendo que tinha outros planos para efetivar sua contribuição na casa. Sendo assim, tendo Caim como aliado, a jovem protagonista resolve vender excertos de obras literárias na cidade, chamava-os de “sortes”. As pessoas compravam acreditando serem pequenos conselhos ou premonições. Um exemplo desses fragmentos aparece na cena em que Branca confecciona os papéis, e Caim comercializa-os:

Dobrava os papeis com cuidado e arte, e fiquei a olhar aquele monte de garças pequeninas pousadas no ninho de palha trançada, junto do bule, das canecas de folha, das broas de milho. Não eram garças, dizia para mim mesmo, eram palavras que iam voar, sair de Branca para uma outra pessoa (LACERDA, 2010 p. 108).

As sortes foram correndo mãos, as pessoas gostando do saber que as palavras traziam para a vida. No fim de uma semana, sem que mesmo precisasse cobrar pelas sortes, as pessoas começaram a deixar uma moeda dentro do cesto (LACERDA, 2010, p. 69).

Com as vendas de sorte, Branca planeja conseguir dinheiro para retornar ao seu país e Caim, por sua vez, obter liberdade para se reunir aos quilombolas. Quando os jovens, finalmente, conseguiram dinheiro suficiente para otimizar seus desejos, Ismê foi presa pela polícia, acusada de bruxaria. A jovem Branca assume seu lugar com a finalidade de impedir que as crianças sejam escravizadas, passem por privações de toda ordem ou por abusos, em especial, as meninas.

Nilma Lacerda denuncia a realidade de Salvador, no começo do século XIX, pois problematiza questões contemporâneas como: o papel da mulher na luta contra a opressão social, política, econômica e religiosa; a liberdade de expressão entre jovens, bem como o livre arbítrio.

A linguagem clara e objetiva aliada à narrativa linear e cronológica auxilia o leitor a compreender as denúncias sociais; entretanto, isso não significa que o texto não tenha um trabalho estético no plano da linguagem. Encontramos diversas figuras de linguagem na narrativa, bem como recursos estilísticos diversos. Como exemplo, podemos observar o

recurso à sinestesia e à metalinguagem nos seguintes trechos, respectivamente: “[...] deviam ser as malditas lembranças, dentro do sonho dela, caindo por cima dela, queimando por cima dela” (LACERDA, 2010, p. 10); “[...] era fascinante ter nos ouvidos o marulhar de um idioma que eu não conhecia, e falada por ela, a minha própria língua batia na terra como onda nova no mar de todo dia” (LACERDA, 2010, p. 21). A linguagem verbal na obra denota o cuidado da escritora em lapidar o texto e, por meio dele, facultar ao público leitor o desautomatizar de concepções sobre o uso da língua.

A opção da escritora por conferir papel de personagem principal a uma francesa exilada que não domina a língua portuguesa permite ao leitor refletir sobre a dificuldade de aprender um novo idioma e, conseqüentemente, entender que sua própria língua também possui palavras complexas para um estrangeiro. Caim escreve sobre as aventuras que viveu ao lado de Branca e, também, destaca as dificuldades da moça com a nova língua: “[...] perguntava tudo, repetia as respostas que dávamos a ela: sarrdinha, coentro, camarrão, a-men-do-im, rapadurra, melado, quiabo” (LACERDA, 2010, p. 22)

Nesse excerto, podemos observar a sonoridade do texto, o uso da letra “r” dobrada que permite soar aos nossos ouvidos a voz da personagem, aproximando-nos ainda mais da obra. Ao mesmo tempo, o excerto apresenta alimentos que são comuns aos brasileiros, diferentemente das obras internacionais, promovendo a identificação. Segundo Bordini e Aguiar (1993, p. 84) a aproximação do texto com o leitor inicia-se a partir de uma identificação em comum.

Além de apresentar os elementos nacionais, a obra traz ao final de suas páginas um resumo histórico, explicando alguns pontos da história mundial que o leitor precisa entender para melhor recepção da obra, como: a construção do Novo Mundo no imaginário francês; a importância das obras literárias para colonização; a política e a cultura no Brasil Colonial; a censura no Brasil; o Iluminismo; a Revolução Francesa; a Inquisição no Brasil; a África; a Colonização e o trabalho escravo; a Angola; e as rebeliões escravas.

Acreditamos que a leitura de *Sortes de Villamor* tem potencial emancipatório. Entretanto, mesmo que possua, ao final da edição, uma ferramenta de contextualização para o leitor, pela complexidade de sua trama, nota-se a necessidade da obra ser mediada por um professor que considere explorar, a partir dos pressupostos da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999), a comunicabilidade que se instaura em sua narrativa, pela exploração de lacunas que suscitam interação com o leitor implícito e projeção imagética para obtenção de concretude – interpretação.

As temáticas, busca pela liberdade, resistência a formas de opressão, relações humanas em sociedade e individuação, capturam a atenção do jovem leitor, também, em fase de descobertas e afirmações de sua identidade. Contudo, para que as potencialidades da narrativa sejam apreendidas por esse leitor, faz-se necessária a presença de um professor mediador que assegure a reflexão crítica, por meio da promoção de debates e discussões em sala de aula sobre a obra.

Há algumas temáticas contemporâneas no enredo que merecem atenção, como a representação do negro, por exemplo. Nilma Lacerda discute de forma sensível sobre a

marginalização do negro pela sociedade da época, fazendo com que o leitor refleta sobre o aspecto histórico do preconceito no Brasil, pautado por perseguições de ordem política, cultura e religiosa. Por meio da leitura, o jovem pode refletir se, nos dias atuais, persiste, ainda, o preconceito racial e como este se configura.

Os personagens acolhidos por Ismê Catureba são negros, filhos de escravos e sentem-se repudiados pela maioria branca, mesmo nascendo livres. Contudo, mesmo que sofram preconceito em decorrência da cor, não tratam Branca de forma diferente. Ela, devido à condição de órfã exilada em terra estrangeira, é considerada uma irmã ou mãe de muitos. É interessante levar esse questionamento para sala de aula e, em seguida, mostrar um trecho do filme *Ó Pai ó*, no qual o personagem de Lazaro Ramos defende sua cor, dizendo que os negros têm olhos, nariz e boca como os brancos e sangram como eles.

Caim tem o sonho de defender sua história, seus antepassados e sua cor, pois está cansado de ter sua cultura omitida; quer conferir voz a sua nação, conforme observamos no trecho abaixo:

Os brancos não consideram que nós, os de pele negra, tenhamos nossas histórias d'além-mar, sequer consideram que sejamos d'além-mar. Na ideia deles viemos para cá sem raízes, que plantas não somos. Mas o corpo está plantado na terra, de todo jeito, e é lá que procura o sustento da alma, a música para acompanhar o trabalho, a dança que a natureza desenha. Disso fazemos nossos rituais, tolerados pelos senhores, que não admitem, no entanto, que sejamos estrangeiros. Mas nós o somos, e assim continuamos após três, quatro gerações. Não foi esse chão que trouxe o ritmo para nossa música, não foram as vozes daqui que gritaram nos ouvidos dos antepassados as histórias para botar de pé a alma, ajudá-la a andar mesmo quando arrancada do corpo (LACERDA, 2010, p. 27).

Como pode-se notar pelo excerto, Caim defende a cultura negra, perseguida por bruxaria, pois o Estado permitia seguir apenas a religião dos colonizadores. O Brasil é constituído por uma mistura de raças; dessa forma, é natural que existam pessoas com costumes e religiões diferentes. No século XIX, no entanto, isso não era levado em consideração, o que importava era a dominação do povo pelo homem branco, em especial, de origem portuguesa, pertencente às camadas sociais prestigiadas.

Além disso, quando Caim questiona os Direitos Humanos, “[...] fui o primeiro filho de minha mãe. Não tive irmão, não sei nada do meu pai, negro tem esse direito?” (LACERDA, 2010, p. 28), e a própria justiça, “Vosmecê não sabe que a justiça está nas mãos de quem tem poder?” (LACERDA, 2010, p. 97), é possível considerar que o leitor também o faça.

Os personagens de Nilma Lacerda são considerados problemas na sociedade a que pertencem, pois além de negros são pobres. Ismê Catureba é negra, alforriada, pobre, praticante de calundu, e, ainda, mulher sem marido. A personagem é guerreira, e a única coisa que a faz se render à perseguição da elite é o medo de perder suas crianças. Sua força é reconhecida por todos, inclusive por Caim:

Ismê Catureba procurava se prevenir disso, cuidando da reputação de sua

casa como quem cuida do ar que respira. Negra que ganhou liberdade pela sorte ditada a um homem de coração nobre, ela revolveu cuidar de criança solta no mundo, que tem muito nesta cidade, vagando pelas ruas, pedindo esmolas, dando recados, fazendo trabalhos miúdos, cometendo pequenos furtos, servindo aos pecados dos grandes.

Mulher sem marido, a liberdade permitiu a ela conseguir a casa em que vive, onde acolhe, governa, reparte, premia e castiga quem vive aqui com ela, debaixo do mesmo teto. Faz as vezes de mãe e de pai, não admite que suas crianças roubem, não quer encrencas com a polícia, bastam as que temos por ser negros e pobres, diz sempre. Não deixa de dar ofício a cada um, ensina a ser gente, e é severa, bota para fora quem não obedece às regras que dita (LACERDA, 2010, p. 37).

Ismê ajuda a todos, mas quando o governo exige sua prisão, é encarcerada por pessoas que um dia auxiliou. Nilma Lacerda questiona a hipocrisia da sociedade e promove no leitor desejos de mudança. Esse impacto e reflexão sobre a obra são responsáveis por promover o papel humanizador da literatura (CANDIDO, 1995).

Além de prenderem Ismê Catureba, a torturam e violentam. O tratamento desumano só termina, pois Branca propõe que as crianças espalhem pela cidade cartazes anônimos exaltando as qualidades da negra. É o conteúdo dos cartazes que esclarece a sociedade, tornando os indivíduos mais humanos e exigindo a soltura da mulher. Nesse momento, deparamos com um discurso que revela o poder da palavra escrita, ao mostrar que seu uso também pode levar à libertação física e psíquica do indivíduo. Nota-se, assim, que a obra promove a reflexão metalinguística no seu leitor implícito (ISER, 1999). É esperado que o leitor sinta os sofrimentos da personagem e queira defendê-la por meio da justiça. Germano Schwartz (2006, p. 48) defende que a literatura, por intermédio de suas narrativas, coloca-nos no lugar do personagem, levando-nos a tomar uma posição sobre o caso posto.

Capitães da Areia, de Jorge Amado, dialoga com *Sortes de Villamor*, pois trata do mesmo tipo de personagem mirim: crianças abandonadas pela sociedade e oprimidas pela orfandade e pobreza. Em ambos romances, há trechos que promovem a reflexão sobre a falta de oportunidades, pela ausência de garantias governamentais, para essa camada da população. Em *Sortes de Villamor*, por exemplo, podemos notar o caráter de denúncia social no seguinte trecho: “Criança morre fácil e vale pouco no mercado, não paga a pena ir atrás do bem de pouca monta. Por isso, tanta criança foge, é deixada nas ruas, entregue à roda” (LACERDA, 2010, p. 39). O excerto apresenta-nos a realidade do século XIX, em que os senhores de escravos abandonavam as crianças, pois não serviam para trabalhar, mas depois que cresciam voltavam para pegá-las e reinseri-las no mercado escravo.

Quanto às personagens femininas, além de Ismê, suas configurações na obra denunciam o papel da mulher no século XIX. Conforme os costumes da sociedade, elas deveriam ser casadas e manter-se longe das ruas, caso contrário poderiam ser consideradas prostitutas: “As meninas de casa são respeitadas na rua, saem daqui para serviço honesto ou casamento. É a grande preocupação dela [Ismê], preservar essa flor de fêmea que tanto mal provoca, como costuma dizer” (LACERDA, 2010, p. 37). Pode-

se observar que a mulher era vista como “o mal”, que leva à perdição, por meio de provocações aos homens, suas vítimas.

Ismê era temida, por suas práticas de calundu; todos sabiam que a perseguição um dia poderia chegar a casa. Branca sempre se recusou a aprender a cultura de Ismê, pois “[...] na terra dela muita gente era queimada na fogueira porque mexia com essas coisas. [...] Mas a maior parte das pessoas via um perigo nessas mulheres e por isso muitas eram presas, condenadas à morte” (LACERDA, 2010, p. 49). O perigo visto nas práticas dessas mulheres, certamente, era o da autonomia financeira, pois conseguiam manter-se sem a ajuda de um parceiro, companheiro ou marido.

Quando Ismê foi presa, Branca assumiu seu lugar para tomar conta dos pequenos. Certo dia, um senhor de escravos foi atrás das crianças e, nesse momento, deparamo-nos com a mudança da personagem, de plana para redonda, pois, conquistada pela ideologia de Ismê, Branca enfrenta seu oponente, impedindo-o de levar consigo as crianças:

Branca respondeu, com sotaque que não havia abandonado: É com Blanche de Villemaur, marquesa em França, que vossemecê fala. Saiba vosmecê que esta casa, mesmo sem mãe presente, honra aquilo que é. Sabemos do pouco que podemos. E sabendo do pouco, sabemos do muito. Sou uma cidadã francesa, vosso país não está em guerra com o meu. Se podem acusar Ismê Catureba de feitiçaria, não podem comprar as filhas dela. O homem arregalou os olhos. Nossos olhos, postos naquela cena, admirava-se da mesma forma da audácia de Branca. Ele se recuperou do espanto com rapidez. Disse: Parece-me que os marqueses não são benquistos em França agora. E Branca devolveu-lhe o espanto: Sim, mas antes devem rolar por lá as cabeças dos franceses do que ficar para o estrangeiro o direito de fazê-lo. Ouvimos embasbacados a praga que o homem soltou, sinal de que Branca vencera aquela batalha (LACERDA, 2010, p. 90).

Assim como Branca, o contato do leitor com Ismê promove a reflexão do papel da mulher na sociedade. Os jovens leitores, pela reflexão suscitada na obra, podem identificar-se com a heroína e desejar também decidir seu próprio destino, bem como lutar pelos desvalidos. Para esses leitores, a voz feminina, representada por Ismê e Branca, pode ainda despertar a coragem para a resistência e a individuação. Desse modo, visa-se a combater, conforme Showalter (1994), o histórico silenciamento do discurso feminino. Como podemos observar, o discurso de Lacerda tem como objetivo questionar a realidade dos invisíveis aos olhos da sociedade, daqueles que serão responsabilizados desproporcionalmente. Além disso, critica a hipocrisia da sociedade e apresenta-nos que a solução para humanizar as pessoas é a própria literatura.

Branca lia muito quando pequena e tinha na memória muitos excertos de obras literárias. Sendo assim, para ganhar dinheiro, resolveu escrevê-los e colocá-los à venda (chamando-os de “sortes”). Ela afirma que a escrita leva as pessoas a refletir sobre a própria vida. Nota-se, então, que Lacerda constrói sua obra como símile de “sorte”, ou seja, com os mesmos objetivos de promover a reflexão em seu público leitor. Para Jauss (1994), essa é a função social da leitura.

Notamos que a personagem mostra ao leitor o papel da literatura: o de levar à compreensão da realidade. Branca, em suas performances, põe em prática os preceitos de Antonio Candido (1995): de que o acesso à cultura deve ser um direito de todos, e só ela é capaz de retirar a barbárie da sociedade.

Para Caim, a relação entre obra e leitor não se concretizava, pois alegava não compreender como Branca acertava que determinadas palavras se encaixavam para determinada pessoa:

Sabia que as sortes que Branca escrevia vinham do talento dela e dos muitos livros lidos. Mas nunca consegui saber como fazia para acertar com precisão nas palavras que cabiam a cada um, e que eram o sucesso das sortes que vendia. Ela não admitia nenhuma interferência senão a do acaso (LACERDA, 2010, p. 91).

Em suas ações, Branca defendia que as obras literárias sempre têm algo a dizer. Nota-se que seu discurso se aproxima dos conceitos preconizados por Ítalo Calvino (1993, p. 11), de que as obras literárias sempre podem se adequar a nossa realidade e aos nossos pensamentos, pois são universalizantes e, em cada leitura, é possível adotar uma releitura diferente. Como afirma Caim: “Às vezes beneficia um jogador, às vezes outro. Talvez fosse como a palavra, lançada sem interferência de nenhuma divindade, mas saída da boca do homem, como flecha ou semente” (LACERDA, 2010, p. 92).

Muitos excertos de obras literárias são espalhados pela narrativa, conforme Branca vai escrevendo, mas em nenhum vem discriminada a autoria, pois eram retirados da memória da heroína. Fica a critério de leitor descobrir de quem são. Percebe-se, assim, que há lacunas na narrativa (ISER, 1996 e 1999) e estas são dialógicas, levando o leitor a descobertas. Na mediação, esse diálogo pode ser explorado bem como atuar como motivação para leitura de outros textos, cujo teor seja a denúncia social sobre a restrição de direitos em sociedade. Sendo assim, as temáticas contidas na obra de Lacerda promovem a identificação do leitor com as personagens, bem como levam-no à reflexão e à construção de sua própria identidade. O leitor amplia seus horizontes de expectativa na medida em que os personagens vão se firmando durante a narrativa.

Considerações finais

Observamos que *Sortes de Villamor*, de Nilma Lacerda, tem potencialidades para emancipar, pelo caráter de denúncia social de sua narrativa, o leitor. Além disso, como a obra apresenta temáticas contemporâneas que o inquietam, como a representação social da mulher, a individuação, o preconceito, a ausência de equidade nas relações sociais pautadas pelo poder econômico, a necessidade de liberdade de expressão e direito à cultura, possui apelo para cativá-lo à leitura.

Vale destacar que valor estético da obra pode desautomatizar a percepção do jovem leitor sobre os usos da língua, motivando-o, inclusive, a tornar-se mais exigente na

escolha de novas leituras. Lacerda, pelo recurso à metalinguagem e à dialogia com obras canônicas diversas em sua narrativa, estimula o hábito de leitura, pela valorização do livro e da palavra como instrumento de libertação.

Dessa forma, concluímos que a obra de Lacerda constrói identidades e forma personalidades, uma vez que o leitor passa a questionar sua própria história e o comportamento da sociedade diante das temáticas apresentadas.

DOMINGUES, C. B.; FERREIRA, E. A. G. R. Identity Construction in Nilma Lacerda's *Sortes de Villamor*. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 11, n. 1, p. 169-178, 2019. ISSN 2177-3807.

Referências

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. *Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BNCC [Base Nacional Comum Curricular]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 jun. 2017.

CALVINO, Í. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. v.1.

LACERDA, N. *Sortes de Villamor*. São Paulo: Sincope, 2010.

_____. Biografia. Disponível em: <http://www.nilmalacerda.com.br/biografia.html>. Acesso em: 13 ago. 2017.

SCHWARTZ, G. *A Constituição, a leitura e o Direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Ed., 2006.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 32-54.

Recebido em: 25 jul. 2019

Aceito em: 27 ago. 2019